

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIII

---

**Elogio histórico do académico  
Manuel Viegas Guerreiro**

CARLOS ALBERTO MEDEIROS

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2022

# Elogio histórico do académico Manuel Viegas Guerreiro<sup>1</sup>

CARLOS ALBERTO MEDEIROS

Começou bem cedo para mim o convívio com o Professor Manuel Viegas Guerreiro. Pouco tempo depois de assumir o cargo então chamado de 2.º Assistente de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi-me atribuído lugar num dos gabinetes do Centro de Estudos Geográficos, onde ele trabalhava, bem como mais dois companheiros de investigação, estes com presença menos assídua do que nós. Passava-se isto em 1966, tinha eu perto de 24 anos, menos 30 do que Viegas Guerreiro.

Da minha mesa de trabalho via aquele Senhor, com cabelo já grisalho, debruçado sobre pequenos montes de papéis um tanto gastos, que estavam atados com cordel e empilhados num conjunto de prateleiras do gabinete. Analisava-os, revia alguns, tomava apontamentos que mais tarde ordenava, guardava-os de novo. Tinha o vago conhecimento de que se tratava do espólio do Professor José Leite de Vasconcellos, de quem o meu Mestre Orlando Ribeiro se dizia discípulo e pelo qual nutria profunda admiração. Mas quase nada sabia sobre o Professor Viegas Guerreiro e as suas actividades.

Ambos numa primeira fase um tanto reservados, encetámos sem grandes delongas o diálogo, que naturalmente se foi tornando cada vez mais vivo e animado. Impressionou-me desde logo a sua afabilidade, a delicadeza no trato, a pertinência das suas observações, sobretudo a sua imensa cultura. Viegas Guerreiro manifestava grande compreensão pelos outros, encarava com naturalidade os seus deslizes e limitações, mas combinava estes sentimentos – o que não é fácil – com um espírito crítico apurado, temperado por peculiar sentido de humor que, não raras vezes nos fazia sorrir. Com frequência, a meio da tarde, numa pausa de trabalho, íamos até ao bar da Faculdade, com o pretexto de tomar um

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada na Academia das Ciências de Lisboa, no dia 4 de Dezembro de 2014, por ocasião da confirmação do autor como sócio efectivo da Classe de Letras, com o número 7 – L.

refresco, um café, uma cerveja... Era então que a conversa adquiria mais vivacidade, com troca de impressões sobre o que se passava na Faculdade, no país, nos apoios ou falta de apoios à investigação.

Este convívio tão enriquecedor – enriquecedor para mim – sofreu uma pausa por alturas de 1969/70, quando beneficiei de um estágio em França. Mas foi depois retomado, ainda que, necessariamente, noutros moldes.

Entretanto, fui tomando conhecimento do meu antigo companheiro de gabinete de trabalho, e acompanhando o seu percurso científico e o desenvolvimento da sua obra.

Manuel Viegas Guerreiro nasceu em Querença, concelho de Loulé, no mês de Novembro de 1912. Manteve sempre uma ligação muito profunda e significativa com a terra algarvia de origem. O íntimo convívio com a sua gente rural esteve porventura, pelo menos em parte, na origem da vocação de etnógrafo, a partir da qual ficaria enquadrada a larga maioria dos seus trabalhos. Uma vez concluído o curso do liceu (sigo a terminologia da época), veio para Lisboa, onde, em 1936, se licenciou em Filologia Clássica na Faculdade de Letras. Ao mesmo tempo estabeleceu convívio e laços de amizade com notáveis Mestres, como Rodrigues Lapa, Orlando Ribeiro (então no começo da carreira académica) e, um pouco depois, Agostinho da Silva. Mas foi sobretudo José Leite de Vasconcellos que mais interferiu na sua formação. Ao longo de cerca de seis anos trabalhou com ele, levado para a sua intimidade por Orlando Ribeiro que, para além de amigo, tinha sido seu colega na Faculdade. Ambos nutriam pelo Dr. Leite – como lhe chamavam – profunda amizade e admiração, e dele receberam influência científica muito significativa, decisiva mesmo no que a Viegas Guerreiro se refere. A ajuda que este prestou a Leite de Vasconcellos na preparação do ambicioso projecto da *Etnografia Portuguesa* é referida expressamente pelo autor no prefácio do III volume. Para a continuação deste trabalho foi equiparado a bolseiro, mas por curto período, 1940/41; aliás em 1941 falecia o querido Mestre José Leite de Vasconcellos.

Seguiu-se uma fase de ensino em diversos liceus, que o levou pela primeira vez até África (exerceu a docência no liceu da então Sá da Bandeira, hoje Lubango, em Angola) e na qual consolidou a sua competência e o seu gosto em matéria de transmissão de conhecimentos. Mas não esquecia o legado do Dr. Leite, a *Etnografia Portuguesa* que ficara incompleta, nem as possibilidades de se dedicar ele

próprio à investigação. Em Setembro de 1954, Orlando Ribeiro conseguiu que passasse a trabalhar no Centro de Estudos Geográficos, onde se reservou um espaço para os papéis leiteanos, depois transferidos para o gabinete a que me referi no início, dotado de melhores condições e inserido em edifício acabado de construir. Leite de Vasconcellos tinha concluído dois fragmentos do volume IV da *Etnografia Portuguesa* e procedera mesmo à revisão das primeiras provas tipográficas; envelhecido, fragilizado, sentindo a morte rondar por perto, abreviara as matérias tratadas, relativas ao povo português (partes I e III). Com um empenho e uma capacidade de trabalho invulgares, Viegas Guerreiro dedicou-se à parte II («Grupos Étnicos»), que praticamente redigiu, seguindo o plano delineado por Leite de Vasconcellos e aproveitando os materiais por ele recolhidos, mas juntando-lhes muitos outros e conferindo ao conjunto desenvolvimento e acabamento coerentes que não se encontram no restante texto. Publicado este volume IV em 1958, não era viável proceder do mesmo modo em relação aos restantes: divulgou-se o que foi possível encontrar ou aproveitar, seguindo o plano muito minucioso do autor e uma ou outra vez revestindo de forma literária os apontamentos apenas esboçados. Já com a ajuda de colaboradores, Viegas Guerreiro tomou a seu cargo a organização do conjunto da obra, dedicando-se mais especificamente a alguns temas.

Uma nova oportunidade surgia, entretanto. Em 1957, na sequência de uma proposta de Jorge Dias, foi integrado na Missão de Estudos de Minorias Étnicas do Ultramar Português, integrada na então Junta de Investigações do Ultramar. Em Moçambique colheu elementos para um dos volumes, o IV, da monumental obra que Jorge Dias concebera sobre os Macondes. Esse volume, publicado em 1966, tinha como subtítulo «Sabedoria, língua, literatura e jogos», matérias muito da sua particular predilecção no âmbito da Antropologia Cultural e sobre as quais teve ocasião de elaborar artigos diversos relativos àquele povo. Deslocou-se também ao sul de Angola, onde em seis campanhas de investigação sucessivas foi colhendo materiais para uma obra autónoma de conjunto, desenvolvida, sobre os bochimanes (designação sujeita a reservas) que lá se encontram: tarefa difícil em que, como escreveu no prefácio do seu livro, andou «aos tombos pelo mato, e nem de outro modo podia ser, com gente tão movediça e rala e desconfiada e dispersa por espaços sem fim» (p. 10), desprovida ainda de técnicas de produção, verdadeira relíquia dos primórdios da humanidade. O trabalho (*Bochimanes! Khiü*

de Angola. *Estudo etnográfico*, 1968), que veio a constituir a sua dissertação de doutoramento, foi concebido como uma análise completa de tipo monográfico, ainda que alguns capítulos se ressintam das dificuldades na obtenção de elementos relativos aos respectivos temas.

Novos horizontes se perspectivaram para Manuel Viegas Guerreiro, quando em Outubro de 1966 foi convidado para reger as duas cadeiras de Etnologia da licenciatura em Geografia, que haviam ficado vagas. Da docência liceal passava assim para a universitária, aos 54 anos de idade. Encarou o desafio com motivação e entusiasmo impressionantes, e os maiores escrúpulos na preparação das aulas. Poucos esperariam o fervor, o zelo que evidenciava com a sua idade; afigurava-se, na verdade, autenticamente rejuvenescido. Este foi o começo de uma carreira académica rápida, porventura inesperada, mas para a qual não moveu influências. Doutorou-se em Junho de 1969, apresentando como tese o estudo dos bochimanes já citado, e logo em Outubro de 1971 concluiu com êxito o concurso para professor catedrático. Tinha o caminho aberto para se dedicar sem peias à investigação dos temas que lhe eram mais caros.

Entre estes ocupava lugar de relevo a literatura popular. Por mais que uma vez, oralmente ou em escritos de diversa índole, lamentou a subalternização de que com frequência aquela era alvo nos estudos de Antropologia Cultural. Empreendeu incansavelmente, com os seus colaboradores, uma recolha imensa de contos, romances, adágios, adivinhas e outros géneros deste domínio, em diferentes versões e nas mais variadas áreas. Com a sua afectividade natural e um tacto que a experiência aperfeiçoou, não forçava os informadores contactados, deixava que se exprimissem livremente, adivinhava o momento propício para colocar o gravador a funcionar (quando se tornou possível passar a usá-lo), sem causar medos ou desconfianças. Escreveu um *Guia de Recolha de Literatura Popular* (2 edições, 1976 e 1982) e o trabalho resumido mas rico de substância *Para a História da Literatura Popular Portuguesa* (1978). E não admira que tivesse criado no Centro de Estudos Geográficos, em 1973, uma Linha de Acção (Investigação) de «Recolha e Estudo de Literatura Popular Portuguesa», a qual, com escassos meios, desenvolveu uma actividade bastante profícua.

A nível do ensino, Manuel Viegas Guerreiro suscitava com facilidade o interesse e a atenção dos alunos, e eram excelentes as relações pessoais que com eles mantinha. Criavam-se mesmo com frequência laços de amizade que subsistiam

para além do final das cadeiras leccionadas. Contudo, em 1982, descontente com as peias burocráticas que se teciam, cada vez mais complexas e absorventes, e também com o ambiente de tensões internas que não paravam de se avolumar, Viegas Guerreiro, contrariando a opinião e os pedidos de colegas e discípulos, requereu a aposentação. Continuou, porém, a trabalhar, a frequentar assiduamente a Faculdade, em especial o «seu» Centro de Literatura Popular Portuguesa, a cultivar o convívio com velhos amigos e colegas, e também com novos discípulos cuja preparação estimulava.

Foi por esta altura que germinou um sonho, generoso como tudo o que dele provinha, porventura demasiado ambicioso, pelo que só parcialmente foi possível concretizá-lo: a criação dos chamados Estudos Gerais Livres, uma instituição que, nas suas palavras, promoveria gratuitamente a aproximação dos que desejassem ensinar daqueles que pretendiam aprender. Assim formulado, na sua simplicidade, o projecto afigurava-se exequível, mas apenas desde que fosse possível reunir um conjunto suficientemente amplo de interessados com boa vontade. Viegas Guerreiro entusiasmou-se e creio que chegou mesmo a pensar que nos Estudos Gerais Livres se poderiam organizar autênticos cursos coerentes, desdobrados pelo número de anos necessário. Não se chegou a tanto: mas na instituição, fundada em 1988, levaram-se a cabo ciclos de conferências e pequenos cursos, numerosos e com nível muito apreciável, em Lisboa e noutros pontos do país.

Desejoso de levar a cabo uma monografia etnográfica de alguma povoação bem circunscrita do território português, dedicou-se a analisar a aldeia de Pitões das Júnias, no concelho de Montalegre, guiando-se por um plano muito detalhado, que os seus estudos anteriores aconselhavam. A obra foi publicada em 1981, com o subtítulo modesto de *Esboço de monografia etnográfica*. Já nos últimos tempos de vida, empreendeu ainda um projecto de investigação, enquadrado na mesma linha de pesquisas, mas mais ambicioso, a concretizar por uma equipa interdisciplinar por ele coordenada, e cujo título, «A ilha de S. Jorge – Uma monografia», dá conta do seu objectivo. Aprovado pela então JNICT em 1993, realizaram-se no seu âmbito trabalhos de campo nos dois anos seguintes. Mas recordo melhor uma deslocação preparatória, no decurso da qual, em S. Jorge, no mês de Novembro de 1993, Manuel Viegas Guerreiro completou 81 anos, com invejável juventude de espírito, rodeado pelos seus colaboradores, dos quais eu

fazia parte. Infelizmente, sofreu um acidente cerebral em Novembro de 1996, vindo a falecer em Maio do ano seguinte. Assim, não foi possível concluir a obra que tinha projectado. Publicaram-se, porém, fragmentos elaborados por alguns de nós, e em 2012 uma colectânea de textos etnográficos, recolhidos por Viegas Guerreiro.

\*

O enunciado de dados curriculares do Professor Manuel Viegas Guerreiro que se apresentou, as reminiscências pessoais e as observações que os acompanharam, dão bem conta da notável actividade que desenvolveu e da pertinência do «elogio histórico» requerido nos termos dos estatutos da Academia das Ciências de Lisboa. Pouco mais haverá a acrescentar.

Não pode esquecer-se que, além das obras etnográficas, que constituem a parte nuclear da sua bibliografia, algumas outras há que se podem incluir em domínios diferentes: umas de índole pedagógica e didáctica, outras ligadas à História e a ciências próximas, ainda que revestidas sempre por significativa perspectiva etnográfica; entre estas, mencionem-se os comentários à carta de Pero Vaz de Caminha sobre o achamento do Brasil e à corografia do reino do Algarve por Frei João de S. José (1627), ou os artigos sobre «Judeus» e «Mouros» incluídos no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, ou ainda a comunicação apresentada à Academia das Ciências sobre o caso de Portugal no respeitante à introdução da batata na Europa (1987).<sup>2</sup>

Retomando a sua actividade como etnógrafo, relembre-se que se desencadeou tardiamente: sem esquecer ténues primórdios, apenas a partir de meados dos anos 1950, depois de ter completado 40 anos. A forma segura e fundamentada como decorreu, pressupõe sem dúvida preparação aturada, na qual terá avultado decerto a influência de Leite de Vasconcelos. Em consonância com o que ficou exposto atrás, e numa tentativa de síntese, é possível repartir essa actividade e

---

<sup>2</sup> Para além do «Elogio Histórico de António da Silva Rego», proferido em Novembro de 1989, mencionem-se duas outras comunicações expostas nesta Academia: «Leite de Vasconcelos (1858-1941) e a ciência etnográfica em Portugal» (publicada em 1992) e «Evocando Leite de Vasconcelos» (posterior, mas também publicada em 1992).

os trabalhos que dela resultaram em quatro áreas principais: a) estudos sobre o Professor José Leite de Vasconcellos, incluindo a preparação e conclusão de diversas obras póstumas; b) estudos sobre temas africanos, com relevo para os respeitantes a Macondes de Moçambique e Bochimanes de Angola, havendo ainda outros mais breves; c) estudos sobre literatura popular, ou, em sentido mais lato, sabedoria popular; d) monografias no território português, concluídas, em preparação ou projectadas. Em tudo isto avulta – não é demais repeti-lo – a terceira área referida. Os materiais recolhidos são avultadíssimos e seria lamentável que ficassem perdidos se não fosse o labor incansável do Professor Viegas Guerreiro.

Este foi sempre uma pessoa pouco dada a discussões teóricas, interessado sobretudo, sem divagações, pela realidade concreta do dia-a-dia. Curiosamente, porém, não fugiu à tentação de procurar situar-se metodologicamente, o que fez no prefácio do livro sobre Pitões das Júnias: «Não saberei dizer em que escola, propriamente, me filio, na posição teórica que assumo. Talvez um funcionalismo de forte acento social, um imenso desejo de que o que escrevo venha a servir a comunidade que estudei e a nação a que pertenço. E, juntamente, um pendor pedagógico que me vem da vocação e do ofício. Sempre estou querendo ensinar, tornar claro e acessível o que escrevo» (p. 12).

Conhecedor, como poucos, da forma correcta de falar e escrever português, exprimiam-se num estilo muito próprio, facilmente reconhecível nas suas obras. Deve salientar-se também a tendência para se identificar com as populações estudadas, com os seus hábitos, com a sua maneira de ser. Recorro uma vez mais ao livro sobre Pitões das Júnias: referindo-se às provocações e lutas simuladas dos jovens dos dois sexos, no intervalo da ceifa, comenta assim a advertência do dono da seara de que «tudo aquilo era brincadeira»: «como se fosse necessário dizer-me isso, a mim que sou mais um deles, e lhes ando no encalço, comendo do mesmo pão, bebendo do mesmo vinho, cortando, a meu modo, a minha seara, só que com foice diferente, de gravador nas mãos, entusiasmado, estonteado, de mistura com a sua odisséia de trabalho» (p. 119).

Identificado com aqueles que estudava, dotado de personalidade cativante, afável, Manuel Viegas Guerreiro interessava-se em geral por todos aqueles com os quais convivía. Preocupava-se com os seus amigos, aconselhava-os de forma discreta, sabia ouvi-los, o que vai sendo raro numa época em que as pessoas estão sempre ansiosas por falar, por exprimir opiniões, e pouco disponíveis para dar

atenção ao que se lhes diz. Em breves palavras, basta afirmar que Manuel Viegas Guerreiro foi, no pleno significado de uma formulação simples, *um Homem Bom*. E isto, a meu ver, vale tanto ou mais do que a sua obra valiosa de etnógrafo reputado.<sup>3</sup>

(ELOGIO HISTÓRICO APRESENTADO À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 4 DE DEZEMBRO DE 2014)

---

<sup>3</sup> É fundamental a consulta da obra de Francisco Melo Ferreira, *Manuel Viegas Guerreiro. Fotobiografia*, Loulé, Fundação Manuel Viegas Guerreiro, 2006. Nela colhi muita informação e lá se encontram as referências bibliográficas completas das obras do autor estudado, não referidas no presente texto, para evitar sobrecarregá-lo.